

FUNDAÇÃO
AMI
PORTO

JCDecaux



Curadoria: Carlos Cabral Nunes

3ª edição ARTE URBANA NOS MÚPIS LISBOA

Maria João Franco

26 Setembro a
25 Outubro 2014

ARTE — ASSISTÊNCIA

15 Artistas para AMI(gos)

Alberto Pimenta, Albino Moura,
Alfredo Luz, Cabral Nunes, Carlos Zíngaro,
Eurico Gonçalves, Fernando Aguiar,
Fernando Grade, Henrique Vaz Duarte,
João Garcia Miguel, Jorge Pé-Curto,
Manuel João Vieira, Maria João Franco,
Raquel Rocha e Vítor Rua.

Curadoria de Carlos Cabral Nunes



POR UMA AGUA HUMANA VITARIA GLOBAL



carristur



LISBOA

Alberto Pimenta

Albino Moura

Alfredo Luz

Cabral Nunes

Carlos Zingaro

Eurico Gonçalves

Fernando Aguiar

Fernando Grade

Henrique Vaz Duarte

João Garcia Miguel

Jorge Pé-Curto

Manuel João Vieira

Maria João Franco

Raquel Rocha

Vítor Rua

A AMI Arte - Núcleo de Acção Cultural da Fundação AMI, apresenta entre 26 de setembro e 25 de outubro o 3º capítulo da exposição "Arte | Assistência: 15 artistas para AMI(gos)", resultante da mostra "Arte Urbana em Mupis", que decorreu em Julho nas ruas da cidade de Lisboa e da mostra subsequente, realizada em Setembro na CASA DA LIBERDADE - Mário Cesariny e na Galeria Perve, em Alfama.

Tendo sido convidado para fazer a curadoria da exposição de rua, escolhendo os artistas que dessem expressão ao projeto expositivo que quisesse realizar, foi-me igualmente solicitado que participasse na qualidade de artista, o que acabei por aceitar pois que se trata de uma organização e de uma causa (humanitária) a que sempre fui sensível.

Nesse âmbito, convidei diferentes gerações de autores, com linguagens artísticas distintas, numa perspectiva de tornar visível a amplitude de ação da própria AMI, que se movimentava pelo mundo comunicando, também ela, por códigos e línguas diversas e com pessoas de todos os grupos etários. Queria traduzir isso, essa prática da AMI, através da diversidade plástica dos autores que escolhi e os quais, na maioria dos casos, venho acompanhando há anos.

Nessa mostra inicial, em espaço público, os 15 trabalhos selecionados foram reproduzidos no formato mupi, tendo sido os originais doados à AMI para posterior venda em leilão, que irá ocorrer na cidade de Cascais no último trimestre deste ano.

Na inauguração da mostra, no dia 4 de Julho, dei-me conta que seria interessante a sua continuidade e amplificação. Falei com a AMI e com os autores para que fosse possível organizar uma exposição maior e mais representativa dos 15 autores, mas mantendo o espírito e a narrativa inicial. A adesão à ideia foi entusiástica e a exposição foi programada para a Casa da Liberdade - Mário Cesariny e para a Galeria Perve, em Alfama. Na inauguração, a 21 de Agosto, considerei ser importante dar seguimento à iniciativa, tornando-a ainda mais visível, permitindo que outras pessoas tomassem contacto com estes artistas e as suas práticas visuais. Daí nasceu a possibilidade, agora materializada, de trazer esta mostra à cidade do Porto, naquele que será o 3º capítulo de uma exposição que nasceu com um só propósito: divulgar a ação da AMI e ajudar a que a sua causa humanitária tenha mais e melhores recursos para cumprir os seus fundamentais objetivos, sobretudo no ano em que se assinala o 30º aniversário desta notável organização. Fazê-lo com recurso à ARTE é algo particularmente gratificante e, por isso, não posso deixar de elogiar os autores participantes, saudando a sua generosidade e plena adesão a este projeto que foi crescendo com o passar do (pouco) tempo.

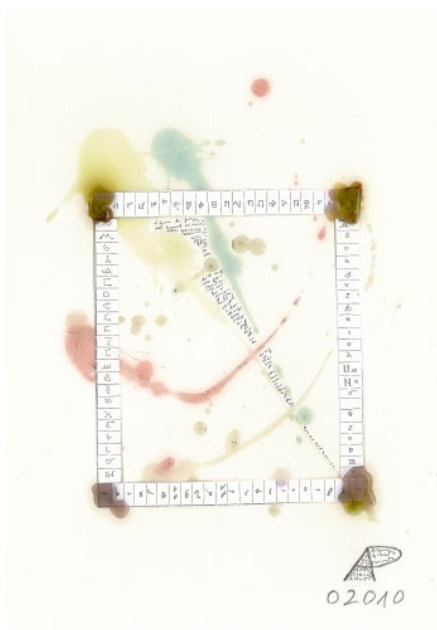
Mas este não é o derradeiro capítulo da mostra: haverá um leilão das 15 obras originais doadas à AMI, para recolha de fundos. Espero, sinceramente, que a adesão de todos, nessa altura, possibilite à Assistência Médica Internacional, alcançar um ótimo resultado e que, com isso, se reforce o seu importante papel humanitário.

Carlos Cabral Nunes

Alberto Pimenta

"...a vida e a obra são uma espécie de enigma... posto pela esfinge que coube a cada um: vai-se vivendo e o enigma vai-se revelando!

porque aos 14 anos... há uns que imitam heróis... outros imitam textos... está lá tudo desde o início, heróis e textos que se transformam de acordo com o tempo que os imita... e então quando saí de Portugal... já com 23 anos... (ou ainda) e a forma poética estava a começar a ganhar forma ... o fio do novelo mudou de cor... cores que radicalmente não combinavam... nada combinava...o choque foi de línguas, cada uma com a sua realidade própria... e então comecei a pintar: vida resolvida em obra ou vice-versa... e participei numa exposição colectiva... e foi apreciado... e continuei 4 ou 5 anos... mas depois voltei à poesia... conheci alguns poetas concretos alemães... essa poesia unia palavra e imagem... entrelaçava-as... o novelo engrossava... o fio mais grosso: era aliciante... mas depois... perto de 1970 (talvez 66/67 até 74/75 ...) a vida invisível que vai vivendo oculta dentro de nós tornou-me visível... na cidade em que eu vivia — Heidelberg — ficava o hospital alemão especializado em próteses para ferimentos de guerra... iam muitos portugueses para lá... vi muitos...



Alberto Pimenta, Sem título, técnica mista s/cartão, 32x22 cm, 2010 **ALPOB191**

falei com muitos... os primeiros livros de poesia são isso, guerra e mutilações e morte... a vida corria muito suja para dentro... e depois para fora, e nessa altura eu já era refugiado e sem papéis... embora continuasse a dar aulas ... a universidade tinha-me contratado, tinha o seu orgulho, resistiu a várias pressões portuguesas. Voltar como eu voltei... com um convite aliciante que se fez desconvite depois de eu ter feito o Homo Sapiens... um futuro professor da Faculdade de Letras da mui nobre e sempre leal cidade ... não pode meter-se numa jaula de macacos... claro a razão invocada foi outra, foi a mudança curricular...

mimos têm-me vindo sobretudo do Brasil, que não conheço... conheço poetas... e Camões tem uma praça com o seu nome nesta capital da República, e na placa explica-se entre parênteses poeta ... portanto poeta entre parênteses... não entre parentes! ...

é possível... é evidente que o que eu faço provoca interrogações: eco das minhas próprias. "Que é isto?" mas ninguém pergunta isso perante a vida. "Que é isto?" só tenta tirar o melhor partido ou a melhor parte da partida de caça onde entrou, porque assim aceitou ou escolheu."

Albino Moura

Nasceu em Lisboa. Autodidacta, recebeu orientação de Fred Kradolfer e colaborou em trabalhos de decoração. Fez parte da Imagem - Associação de Artes Plásticas de Almada, sendo membro da Direcção, de 1987 a 1992. Autor do postal "Dia da Mulher" - Câmara Municipal de Almada 1994 e do cartaz "25 de Abril" - Câmara Municipal de Almada. Organizador de exposições do Grupo 13.

Expõe regularmente desde 1959: esteve no V e VI Salão de Arte Moderna na SNBA, em 1962/1963 e no I Centenário da SNBA em 2002.

Prémios: Pintura da Câmara Municipal de Abrantes; Pintura da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Medalha de Prata da Costa do Sol; Cartaz - Comemorações do Dia de Camões; Cartaz - Câmara Municipal de Palmela - 1985;

Cartaz - Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Pintura Manuel Filipe; Menção Honrosa - Expo. Pequeno Formato, Cascais; I Salão de Artes Plásticas, Sintra - 1992; Cartaz - Câmara Municipal de Seixal - 1992;



Albino Moura Sem título, técnica mista s/papel, 33x25 cm, 2008 **AM78**

Cartaz- Sindicato dos Bancários - 1993; Câmara Municipal da Amadora -1993.

Representado nas seguintes instituições: Museu de Arte de Moçambique, Museu Municipal do Sabugal, Câmara Municipal de Almada, Câmara Municipal do Seixal, Câmara Municipal de Alcácer do Sal e em colecções particulares nacionais e estrangeiras.

Alfredo Luz

Nasceu em Riomeão, Santa Maria da Feira, a 31 de Outubro de 1951.

Pintor neo-figurativo, por vezes abstracto, de feição lírica, frequentou o Curso de Artes Decorativas da Escola António Arroio.

Viveu em Luanda (Angola) entre 1961 e 1978; foi professor mas dedica-se em exclusivo à pintura desde 1985.

Foi várias vezes premiado nas áreas da pintura e desenho e está representado em numerosas colecções públicas e privadas, designadamente: na Fundação Eugénio de Andrade, Caixa Geral de Depósitos, EPAL, Ministério da Justiça, RDP e Câmara Municipal de Bobigny.

Possui obra gráfica editada pela EPNC, EPAL, RDP, Galeria Galveias, Galeria Grade, Editora Vigo, Didáctica Editora, Casino Estoril, Galeria Enes, Fundação Eugénio de Andrade, Instituto do Consumidor, Ministério da Justiça e Livros Horizonte. Tem inúmeros textos críticos publicados sobre a sua obra, redigidos personalidades como: Carlos Lança, António Campos, Eurico Gonçalves, Fernando Pamplona, Lima de Carvalho, Manuel Vieira, Manuela



de Azevedo, Porfírio Alves Pires, Rodrigues Vaz, Eunice Lopes, Baptista Bastos, Nuno de Oliveira Pinto, Aliette Martins, Pedro Barroso, José Carlos Cardoso, Inês Serra Lopes, Edgar do Xavier, Celestino Portela, Nuno Rebocho, Teresa Pinto, Jorge Listopad e Egídio Álvaro.



Alfredo Luz Congresso das árvores, técnica mista s/madeira, 27x42cm, 2013 **AL28**

Nasceu em Lourenço Marques, Moçambique em 1971. Vive e trabalha em Lisboa desde 1990.

Fez um curso intensivo multidisciplinar na Academia Artística de Remscheid em 1989.

Em 1985/86 integra o Grupo Aquilo — Teatro Experimental da Guarda. Fundou o Grupo de Intervenção Cultural NUMANÉPA com o qual editou cadernos trimestrais de poesia, pintura e filosofia e realizou performances e intervenções artísticas em Portugal e no estrangeiro, participa nos "II Encontros Nacionais de Intervenção e Performance" em 1988.

É autor, em 1997, do manifesto de Arte Global, que está na origem da criação do Colectivo Multimédia Perve de que é membro fundador.

No âmbito da Arte Global, realizou vários espectáculos, ateliês e performances desde 1997.

Em 1999, organizou e comissariou o 1.º Encontro de Arte Global dedicado a Artur Bual e, 9 anos depois, realizou a sua 2.ª edição dedicada a Mário Cesariny, envolvendo 120 artistas de várias nacionalidades.

Como autor multimédia, recebeu algumas das mais importantes distinções em Portugal e no estrangeiro. Foi membro do júri do Top Talent Award em 2003 e é membro permanente da Academia Europeia de Media Digital, Utrecht, Holanda.

Exerce funções de comissário e curador em exposições de arte contemporânea realizadas pela Perve Galeria. Em 2008 fez curadoria do projecto "O.U.T. - The underground" para a Trienal Internacional de Arte Contemporânea de Praga, na República Checa e comissariou as exposições internacionais itinerantes "Mobility - Re-reading the future", em parceria com as Galerias Nacionais



Cabral Nunes



Cabral Nunes Zenista puro, antes do encontro com uma máquina de costura, de que falavam velhos monges, no último reduto das falésias desesperadoras, 35x30 cm, 2011 **CNU326**

da República Checa e da Bulgária, a Fundação Turlej, na Polónia e a Academia Finlandesa de belas Artes, envolvendo 21 artistas Europeus oriundos de cinco países, e "Lusophonies", envolvendo artistas da Lusofonia. Em 2009 organizou "Os Surrealistas" — Ciclo de celebração dos 60 anos da 1.ª exposição do Anti-grupo Surrealista Português.

É realizador da série documental NOMA, com 24 filmes dedicados à arte.

Completou a pós-graduação em Gestão de Mercados da Arte no ISCTE/INDEG Business Scholl (2009).

Foi bolseiro no âmbito do Programa de Bolsas Luso-Brasileiras Santander-Universidades, tendo sido seleccionado, por mérito, para a concretização de um programa de estudos na Universidade Estadual de São Paulo.

Frequentou o programa de Doutoramento em Artes Visuais da Universidade de Évora, preparando actualmente Tese de Doutoramento sob o tema da "Arte Global".

Carlos Zíngaro



Começa a estudar música com 4 anos, tornando-se profissional aos 13, como membro da Orquestra Universitária de Música de Câmara dirigida pelo maestro Ivo Cruz. Para além dos estudos de violino frequenta também os cursos de Órgão e Canto Gregoriano. Estudos de musicologia, música electro-acústica e música contemporânea (teatro-música) fazem parte de permanências na Universidade Técnica de Wrocław 1978 (Polónia) e na Creative Music Foundation 1979 – Fulbright Grant (Woodstock/New York). Curso de Cenografia da Escola Superior



Carlos Zíngaro Fumo, acrílico s/tela, 18x24cm, 2014 **CZ108**



Carlos Zíngaro Theatre of the senses, acrílico s/tela, 50x60cm, 2014 **CZ105**

de Teatro de Lisboa onde foi professor assistente de desenho.

Foi o director musical e fundador de OS CÓMICOS - Grupo de Teatro, assim como, anos mais tarde, é o fundador da galeria com o mesmo nome. Colaborou com diversos coreógrafos, encenadores e realizadores. Pioneiro em Portugal na utilização das novas tecnologias na composição e interação em tempo real, assim como nas relações som/movimento e "composição imediata".

Apresenta-se em solo absoluto ou em grupos com os compositores/músicos internacionalmente mais significativos nas áreas musicais da "improvisação" e "nova música", tanto na Europa, como América e Ásia. Tem uma produção discográfica, em nome próprio ou colaborações com outros músicos/compositores, de mais de 50 títulos, com edições em França, Suíça, Alemanha, Canadá, Itália, Inglaterra, Japão, Holanda, USA.

É, desde 2002, o fundador e presidente da associação GRANULAR, dedicada ao experimentalismo nas artes sonoras e relações inter disciplinares.

Desde 2003 que vem desenvolvendo trabalhos de instalação multimedia (imagem, animação, vídeo, áudio). Colabora ainda como ilustrador em diferentes publicações que vão da BD ao ensaio.

Fez cenografia e figurinos para o Ballet Gulbenkian e Grupo de Teatro "Os Cômicos".

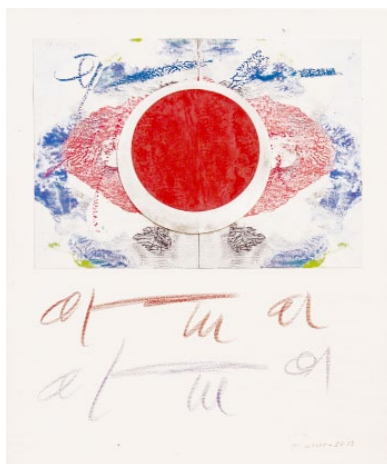
Eurico Gonçalves



Artista plástico português, Eurico Gonçalves, nasceu em 1932 em Abragão, Penafiel. Pintor e crítico de arte, membro da AICA, aderiu ao surrealismo em 1949. Em 1950/51 escreveu e ilustrou numerosas narrativas de sonhos, textos automáticos e poemas, compilados em quatro cadernos manuscritos, parte deles posteriormente recuperados, numa edição de luxo: aí, palavras, desenhos, colagens e guaches fundem-se numa só forma de expressão. Em alguns aspectos, a sua pintura aproximava-se já do neo figurativo. Manifestando-se através do improviso, as suas figuras foram dando lugar a simples sinais gráficos, caligrafias abstractas, executadas fora de qualquer motricidade imposta do exterior, ou seja, uma pintura de sinais derivada do gestualismo, com resultados extremamente depurados.

A partir de 1964, iniciou a publicação de artigos de divulgação e estudos sobre a expressão livre da criança, o dadaísmo, o "zen", e a Escrita. Em 1966/67, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, onde trabalhou com o pintor Jean Degottex. Em 1972, prefaciou uma importante exposição de pintura de Henri Michaux, em Lisboa. Neste ano entrou para os corpos directivos da SNBA cargo que terminaria em 1992. Em 1998 foi distinguido com o Prémio Almada Negreiros, atribuído pela Fundação Cultural Mapfre Vida a pintores portugueses. A sua obra *Pintura Escrita*,

em acrílico e pastel de óleo sobre tela, foi escolhida entre mais de 340 trabalhos concorrentes pelo júri, reunido no Porto. Participou em inúmeras exposições de arte portuguesa e internacional e a sua obra encontra-se representada, nomeadamente, no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, no Museu do Chiado, na Culturgest, Lisboa, no Museu Amadeo de Souza Cardoso, Amarante, e na Fundação Cupertino de Miranda, Famalicão.



Eurico Gonçalves Sem título, técnica mista s/tela
60x50 cm, 1970/2012 **EU32**

Fernando Aguiar

Nasceu em Lisboa, em 1956. Licenciado em Design de Comunicação pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

Realizou 38 exposições individuais em Portugal, Hungria, México, Polónia, Itália, Espanha, Bélgica, Emiratos Árabes Unidos e em Cuba.

Desde 1983 participou em mais de 100 Festivais Internacionais de Performance e de Poesia em Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha, Hungria, Polónia, Eslováquia, República Checa, Holanda, Canadá, Japão, México, Brasil, Colômbia, U.S.A., China, Islândia, Cuba, Hong Kong e em Macau.

Em 2009, participou no 2 Encontro de Arte Global, organizado pelo Colectivo Multimédia Perve, assumindo a curadoria do Ciclo Internacional de Performance-arte. No contexto da mesma iniciativa



Fernando Aguiar Art Action #25, acrílico s/tela, 100x80cm, 2011 **FA64**

expôs com Gabriel Garcia obra de pintura e instalação na exposição "Cartografia da Liberdade – No Room for More", na Perve Galeria.

Está representado, entre outras, nas seguintes colecções: Museu de Arte Contemporânea de Serralves (Porto), Museu D'Arte Moderna e dell'Informazione (Senigallia), Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz), The Ruth and Marvin Sackner Archive of Concrete and Visual Poetry (Miami Beach), Museu Comunale D'Arte Contemporanea (San Vito dei Normanni), Câmara Municipal da Amadora, Museu Vostell Malpartida (Malpartida de Cáceres), Archivio di Nuova Scrittura (Milão), Museum Für Modern Kunst (Weddel), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Szent István Király Múzeum (Székesfehérvár) e Collezione Adriano Parisi (Verona).

Fernando Grade



Fernando Grade nasceu no Estoril, em 1943. É poeta (com 24 livros publicados), prosador (autor de 3 títulos), pintor (expõe desde 1965: realizou 13 mostras individuais e participou em 260 colectivas), é escultor e investigador literário.

Como crítico de arte, exerceu no "Jornal de Letras e Artes", "Século Ilustrado" e "Diário de Notícias". Assinou balanços anuais de artes plásticas para o jornal "o Século", onde também, foi cronista. Foi igualmente cronista do jornal "A Capital". Jornalista, conferenciista e dinamizador cultural. É Membro da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde foi director; sócio da Associação ARTES (Seixal) e presidente da Assembleia-geral da Quadrante (Loures). Além disso, foi sócio fundador n.º 4 da extinta Associação de Artes Plásticas VIRAGEM (Cascais 1983-1992).

Está representado, com a sua "Teoria das Multidões", nos seguintes Museus e outras colecções: Museu do Chiado (ex-Museu Nacional de Arte Contemporânea); Museu de Angola; Museu de Castelo Branco; Museu de Santiago do Cacém; Museu de Mirandela; Museu de Chaves; Museu do Sabugal; nas colecções da Galeria Nacional de Arte Moderna e do Museu da Cidade de Luanda; e nos

acervos da Sociedade Portuguesa de Escritores, da Câmara Municipal de Benguela, da Câmara Municipal do Barreiro, da Câmara Municipal de Sintra e da Prefeitura Municipal de Santo André (Brasil), e em numerosas coleções particulares nacionais e estrangeiras.



Fernando Grade Série "Colagens perversas/esculturas de papel", colagem s/papel 29,7x21 cm, 2014 **FG07**

Henrique Vaz Duarte



Henrique Vaz Duarte nasceu em 1953, em Aveiro. Aos dez anos, passava o tempo disponível no estúdio fotográfico do avô. O trabalho "alquímico", na câmara escura, onde presenciava a magia da folha branca transformando-se em fotografia, era deslumbramento. E mais ainda quando via o avô colori-la manualmente, como era costume na época da fotografia a preto e branco. Já o pai, desenhava e

pintava como passatempo. Se estas duas figuras, pai e avô, foram responsáveis, involuntariamente, pela afeição que nutria pelas artes plásticas, foi, contudo, um quadro, pendurado na parede do corredor da casa onde vivia, que o fez sentir uma atracção maior. Era o desenho de um velho.

Desenha desde a infância mas aos treze e catorze anos começa a tentar apurar alguma técnica. Conhecedor dessa habilidade para o desenho, o pai chegava a trocar explicações de português, que leccionava, por lições teóricas de pintura. Com 15 anos pretende ingressar nas Belas-Artes. Tal foi-lhe vedado. Seguiu Direito sem vocação mas a sua vivência fê-lo ingressar na célebre Revista Vértice, convidado por Mário Vale Lima. Para ela fez vários desenhos, ilustrativos de textos, todos acabando censurados às mãos de um regime nada dado às artes que pudessem suscitar a mais ínfima suspeita de rebelião, sequer estranheza ou suspiro libertário. É nesse período que se inicia na pintura a óleo, com uma obra que titula de "Tarde". Já aí se percebe um sentido figurativo com nobreza estilística mas, sobretudo, o carácter inquieto da sua construção narrativa marcadamente contestatária e reflexiva sobre o mundo em redor. Há, nessa obra o espírito contestatário que preside à inquietação dos inconformados e isso será, posteriormente, mais evidente nas obras de Henrique Vaz Duarte. Expõe regularmente desde 1985.



Henrique Vaz Duarte
Toy (Díptico),
técnica mista
s/papel,
30x60 cm,
2014
HVD03

João Garcia Miguel

João Garcia Miguel começou a sua atividade no fim dos anos 80, ainda, estudante de pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa (FBAUL), iniciando um percurso interdisciplinar, que o levou até às artes performativas, percorrendo diferentes expressões artísticas como a música, a pintura, a instalação, a performance, o vídeo, a escrita, enfrentando dogmas instituídos e quebrando preconceitos artísticos.

Foi um dos fundadores dos colectivos artísticos: Canibalismo Cósmico, Galeria Zé dos Bois e OLHO – Associação Teatral, da qual foi diretor artístico entre 1991 e 2002 com o qual dirigiu diversas peças. Em 2003 fundou a sua própria companhia e iniciou percurso como artista investigador e diversificando actividades, enquanto, diretor artístico, encenador, ator e artista plástico. Abriu em Lisboa, o "Espaço do Urso e dos Anjos" dedicado à formação e divulgação das artes performativas. Em 2008 foi nomeado Diretor Artístico do Teatro-Cine de Torres Vedras, um equipamento Municipal. João Garcia Miguel é artista associado do Actor's Center de Roma, Itália e do Espaço do Tempo em Montemor-o-Novo.



João Garcia Miguel Adão, técnica mista s/papel, 97cm x 70 cm, 2013 **JMGoo8**

O seu trabalho tem sido apresentado na Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, Noruega, País de Gales e Senegal. Em 2008 ganhou em Espanha o Prémio FAD Sebastià Gasch. O seu trabalho caracteriza-se pela dimensão performativa, utilização de aspectos biográficos e reinterpretação de textos clássicos de autores como Brecht, Cervantes, Chekov, Jean Genet, Peter Handke, Fernando Pessoa, Shakespeare, Sophocles, Strindberg, Gertrude Stein, Andy Warhol e Virginia Wolf. Desde 1995 que as suas peças são apresentadas regularmente nas salas mais importantes e prestigiantes do país.

As principais características do trabalho de João Garcia Miguel é o seu gosto pelo risco, pela provocação, pela complexidade de abordagens, pela constante quebra de barreiras, pelo encantamento das máquinas, o conceptualismo barroco e o seu sofisticado sentido de humor.

Jorge Pé-Curto



Jorge Pé-Curto Minotauro, escultura em resina de poliéster com pó de pedra-exemplar 2/7, 80x10x38cm, 2005 JPC14

Jorge Pé-Curto nasceu em 1955, em Moura. Vive em Almada desde 1965. Aos dez anos de idade, começou a frequentar o Centro Artístico Infantil, no Castelo de S. Jorge, de que era mentor o pintor Hermano Baptista.

Mais tarde cursou escultura na Escola António Arroio como bolseiro da Fundação Gulbenkian.

Em 1981, juntamente com outros artistas, fundou em Almada, a IMARGEM, projecto que, entretanto, viria a abandonar.

Foi professor do ensino oficial durante dezassete anos. Como artista plástico Jorge Pé Curto desenvolveu actividade na cerâmica, pintura, cartaz e gravura, mas seria na escultura, nomeadamente na pedra, que viria a centrar o seu trabalho.

Colectivamente, Jorge Pé-Curto participou desde 1972 em diversas exposições em galerias, instituições várias, espaços comerciais e mostras escultóricas ao ar livre. Desde 1984 expõe individualmente.

Da sua autoria são diversos monumentos, situados em várias regiões do país.



Jorge Pé-Curto Sonhei contigo, escultura em resina de poliéster com pó de pedra-exemplar 6/15, 19x35x17cm, 2012 JPC16

Manuel João Vieira



Manuel João Vieira nasceu em Lisboa, cidade-palco da sua actuação em variadas áreas desde a pintura à música, ao cinema, literatura e política. Em 1983 foi um dos fundadores do Grupo Homeostético que atentava sobre as tendências artísticas emergentes na época.

Com uma personalidade crítica aguçada tem uma componente humorística e teatral muito forte.



Componente esta que é visível através da sua criação cenográfica habitada de espaços inóspitos e ambientes grotescos.

Fundador e vocalista das bandas Ena Pá 2000, Irmãos Catita e Corações de Atum também passa pela representação teatral de personagens como Orgasmos Carlos, Lello Universal, entre outros, participando também em longas-metragens, no cinema, e séries televisivas. Em 2011, anunciou a sua candidatura a Presidente da República.



Manuel João Vieira Ciclope de dois olhos, óleo s/ madeira 30x45,5 cm, 2009, **MJV38**

Manuel João Vieira
Em busca do
Surrealismo perdido,
Tinta da China s/papel,
81x98 cm, 2008 **MJVoz**

Maria João Franco

Maria João Franco nasceu em Leiria em 1945. Com 15 anos começa a frequentar o Círculo de Artes Plásticas em Coimbra, de onde parte para o Curso de Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, onde tem como professores o Pintor Gil Teixeira Lopes e o Escultor Soares Branco.

Dois anos depois parte para o Porto onde frequenta Arquitectura na ESBAP, mas o convívio com os colegas das Artes Plásticas, fazem-na retomar de novo o gosto pela Pintura, aproximando-a também do Pintor Nelson Dias, futuro marido.

Em sequência da morte de seu irmão Miguel regressa a Leiria, só mais tarde retoma os estudos novamente em Lisboa.

Do pai, Miguel Franco, herda o gosto por um mundo mágico. Homem de teatro, Miguel Franco é reconhecidamente um dos dramaturgos mais importantes da década de 70 em Portugal, pelo enfoque histórico da sua obra que se confronta com o então espírito do "regime".

Uma forte ligação triangular "Miguel Franco — Maria João Franco — Nelson Dias" desencadeia no espírito ainda jovem de Maria João um sentido de



Maria João Franco *Dor*, técnica mista s/papel, 22,5x20,5 cm, n.d. **MJF21**



busca, de procura e de pesquisa que prevalece ainda no seu percurso.

Fortemente marcada pelo "Expressionismo Abstracto", Maria João Franco começa a expor com 23 anos, seguindo na senda de Nelson Dias a tendência expressionista quer na abstracção, quer na sua passagem para a figuração.

Sentindo como fortes expoentes da Pintura Portuguesa, Rocha de Sousa, Gil Teixeira Lopes, Luís Dourdil, Júlio Pomar ou Resende, bebe neles a influência que tem em mira o extravasar de uma pintura de emoções contidas num expressionismo lírico de uma sensualidade quase "aquática" ou meramente fluida.

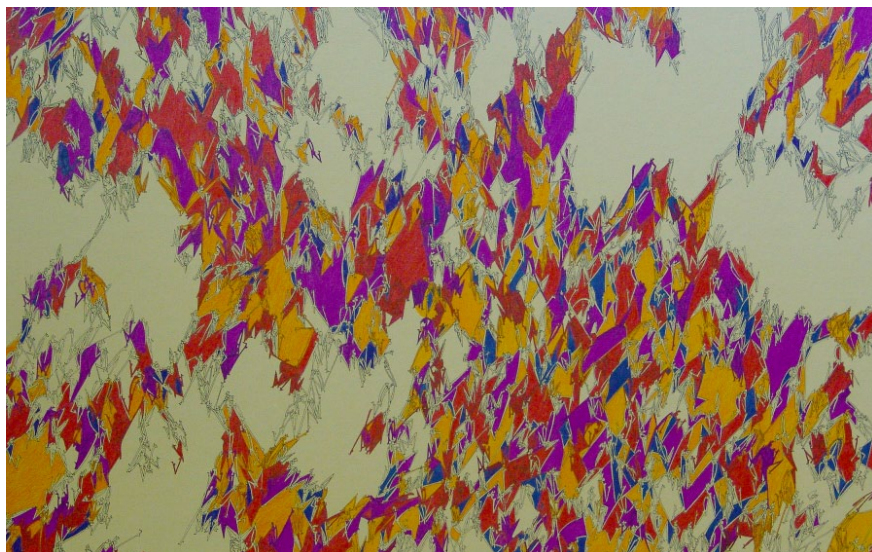
Ao longo da carreira tem desenvolvido inúmeros projectos pictóricos, sendo prestigiada com diversas distinções, e recentemente (2007) condecorada com a medalha "Mérito-Cultura" e com a Comenda da Associação dos Artistas Plásticos Brasileiros.

Raquel Rocha



Nasceu no Porto a 14 de outubro de 1976, onde vive e desenvolve o seu trabalho como artista plástica. Desde sempre a sua grande paixão foi o desenho e 1998 formou-se em Desenho Artístico na ESAP (Escola Superior Artística do Porto). Foi lá onde cedo determinou o seu campo de ação no mundo das artes - o Erotismo - influenciada por alguns professores e, sobretudo, pela rejeição do trabalho "O Corpo Como Transgressão Social" (abaixo) por parte da direção académica da altura aquando da exposição de finalistas, levando-a a desde logo a ter de 'defender' o tema para a sua apresentação pública, sendo aceite. Esta situação definiu o seu rumo, canalizando a partir de então todas as suas atenções para esta temática.

Colabora com ilustração de livros infantis para instituições. Pontualmente, faz Arteterapia em diversas IPSS. Publicada na revista OjOs com um estudo sobre a Arte Erótica.



Raquel Rocha Sem título, técnica mista s/papel, 31x45 cm, 2013 **RQR14**

Vitor Rua

Vitor Manuel Ferreira Rua nasceu em Mesão Frio em 1961.

Optando por dedicar-se apenas ao rock, fundou com Alexandre Soares, em 1979, o GNR, acrónimo de Grupo Novo Rock; com esta formação, gravou as primeiras composições de sua autoria com grande impacto popular (e.g. "Portugal na CEE", 1980 e, "Sê um GNR", 1981); em 1981 convidou Rui Reininho para integrar o GNR e dirigiu a gravação do primeiro LP ("Independência", 1982, obra de culto). No mesmo ano, participou enquanto produtor e compositor nos fonogramas de Manuela Moura Guedes (Álibi, 1982) e de António Variações (Anjo da Guarda, 1983).

Em 1982 conheceu pessoalmente Jorge Lima Barreto; o convívio e a influência deste último terá sido decisiva para a sua mudança definitiva de rumo musical, tendo com ele formado o grupo Telectu e editado nesse ano "Ctu Telectu", álbum de transição do rock para a nova música improvisada e electrónica live (1982). Divergências jurídicas que durariam até meados



Vitor Rua Sem título, técnica mista s/tela, 30x30 cm, 2008 **VR13**

de 1990, criaram um cisma sobre a propriedade da sigla GNR; desde 1983 e passou a dedicar-se primordialmente ao duo Telectu, numa carreira que ainda hoje continua, magnificada por dezenas de fonogramas e videogramas, centenas de concertos, e espectáculos multimedia e interarte onde revelou o seu enorme talento de guitarrista electrónico, polinstrumentista, compositor, inventor de protótipos, poliatista.

Em 1990 encetara uma aprendizagem própria e singular da notação musical, iniciando uma carreira enquanto compositor de música clássica contemporânea. Em 1994, formou o agrupamento Vidya Ensemble para a interpretação de algumas das suas obras. Desde a década de 2000, compõe regularmente em trabalhos de música funcional para dança, teatro, cinema e performarte. Como videasta singular criou obras de video music e ficcionais e compôs música para videogramas de E.M. de Melo e Castro, Rita Nunes e Edgar Pêra. Concretizou música para instalações de Joana Vasconcelos, produziu vários discos de autores experimentalistas, deu conferências e leccionou seminários privados e públicos. Foi autor do programa de rádio "Cântico do Rock", Macau, 1989. Escreveu o livro "A música na era do porquinho Baby"; redigiu vários manifestos sobre rock, música contemporânea, jazz, improvisada, num estilo irónico e pedagógico. Desempenhando várias funções em diferentes actividades artísticas, a sua acção pautou-se pelo cruzamento e aproximação de diferentes domínios da música.



Artistas e público acompanhando a visita guiada e comentada pelo curador, Carlos Cabral Nunes, no percurso dos mupis em Lisboa.



Fernando Grade e o curador, Carlos Cabral Nunes, durante a visita guiada aos mupis, em Lisboa.



Carlos Cabral Nunes com Eurico Gonçalves, Fernando Grade e Alfredo Luz (atrás), durante a visita guiada aos mupis em Lisboa. Julho de 2014.

conceito e curadoria

Carlos Cabral Nunes

design, fotografia

Carlos Cabral Nunes,
Carlos Santos, Thomas Reilly,
Cláudia Magalhães, Isabelle Romão

direcção financeira e de produção

Nuno Espinho

produção, comunicação e web

Graça Rodrigues, Harpreet Kaur

textos

Carlos Cabral Nunes

desenvolvimento e execução gráfica

Carlos Santos, Thomas Reilly

direcção artística

Colectivo Multimédia Perve

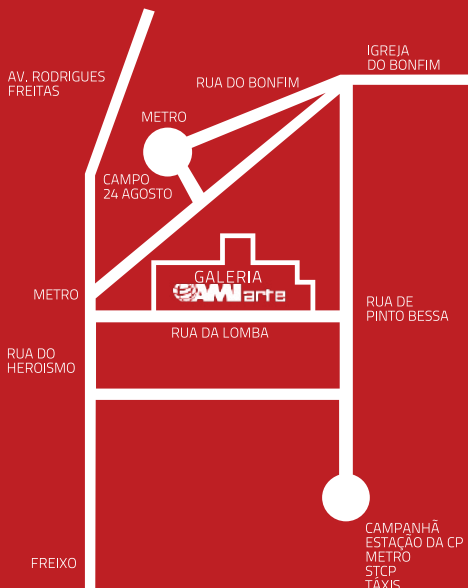
Galeria AMIarte

Rua da Lomba 153-159
4300-301 Porto
(perto da estação da CP e
do Metro de Campanhã)

Tel. 225 100 701

Horário

terça-feira a sábado
das 15h às 20h
amiarte@ami.org.pt
www.ami.org.pt



agradecimento

especial aos artistas,
à AMI Arte
e à sua fantástica equipa.

Impressão e Copyright

Perve Global - Lda.

CT-37B | Setembro de 2014
Edição © Perve Global - Lda.
Proibida a reprodução integral
ou parcial deste catálogo, sem
autorização expressa do editor.



Apoio Media



CANAL 180 PT